

# OS JOVENS E O ENSINO MÉDIO

Neli Angélica Frozza Ariotti<sup>1</sup>

UNOESC

Eixo Temático: Processos do Ensino e da Aprendizagem

Agência Financiadora: não contou com financiamento

## Resumo:

Os jovens dos 14 aos 17 anos, geralmente estudantes do Ensino Médio, apresentam comportamentos bastante heterogêneos, em função de ser esse, um período de descobertas, buscas, aceitações, rejeições, procura pela identidade. Sendo assim, inúmeras vezes estes alunos apresentam na escola problemas conflituosos e geracionais, que acabam provocando situações desagradáveis e desgastantes na relação professor e aluno. Diante deste quadro, o presente artigo pretende buscar na literatura especializada, contribuições para melhor compreender essa fase do novo educando, e conseqüentemente, oferecer aos docentes subsídios para melhorar a prática educativa, através de um relacionamento mais cordial e afetivo. Contudo, só teremos um entendimento maior dessa situação, no momento em que nos apropriarmos das leituras, pesquisas e levantamentos a cerca dessa nova realidade que vivem os jovens.

**Palavras-chave:** Jovens. Ensino médio. Características.

## Introdução

O Ensino Médio, uma das etapas da Educação Básica, tem como clientela na maioria das vezes, alunos de faixa etária entre 14 e 17 anos de idade, que apresentam características muito peculiares: o que por sua vez os levam por inúmeras vezes a serem rotulados ou não compreendidos pelo mundo adulto. Essa rotulação e ou incompreensão, faz com que tenham um relacionamento um tanto conflituoso tanto na família, como na escola.

O termo juventude hoje tem especificações muito diferentes das gerações passadas. E é justamente essa ampla heterogeneidade que tem feito com que os jovens estejam buscando sua (s) identidade (s). Toda essa busca gera incertezas, conflitos, que requerem leituras específicas para entender tais mudanças. As transformações ocorridas na sociedade, no mundo do trabalho e a implementação de políticas econômicas e

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela UNOESC. Professora de Geografia da Rede Estadual de Educação do Paraná, Colégio La Salle, Pato Branco – PR. E-mail: naniafa@hotmail.com

sociais neoliberais materializadas na década de 1990, atingiram fortemente toda a sociedade e repercutiram de forma muito distinta para adultos e jovens. Quanto à questão da oferta de empregos, é perceptível a preferência para adultos e com experiência em detrimento dos inexperientes jovens.

Portanto, é paradoxal a situação que o jovem vive: de um lado incentivos para frequentar à escola, para obter instrução para o mundo do trabalho; e, de outro, a dificuldade em conseguir um emprego.

Diante de tantas incertezas, o objetivo deste trabalho é buscar na literatura especializada subsídios para refletirmos a respeito das questões emocionais que atingem o jovem aluno do Ensino Médio, e com isso aperfeiçoarmos nossa prática educativa.

### ***O jovem e sua condição na sociedade atual***

Sabemos que, por muitos anos, o Brasil foi identificado como o país do futuro, título obtido devido ao grande número de jovens que formava a população brasileira. Porém, mesmo estando em processo de envelhecimento da população desde a década de 1970, os jovens ainda representam uma grande parcela da população.

Referindo-se à população jovem brasileira, Lassance (2005, p. 74) esclarece que:

o jovem brasileiro corresponde à cerca de 20,13% da população do país. São aproximadamente 34,18 milhões de jovens, em uma população estimada pelo último Censo em 169,79 milhões. (IBGE, 2002). Uma estimativa corrigida para 2001, aplicada a taxa de crescimento da população, nos leva a considerar a existência de aproximadamente 17,77 milhões de jovens de 15 a 19 anos e 10 milhões de jovens de 20 a 24 anos. Estes contingentes são, respectivamente, 10,31% e 9,8% da população total.

Neste universo juvenil, um grande número reside nas áreas urbanas e querendo ou não, precisam inserir-se no mercado de trabalho e consumo. Essa inserção é mais verificada no setor terciário da economia e apresenta um significado especial quando considerada a relação que se estabelece entre a necessidade de trabalhar e de ter acesso a melhores oportunidades e as expectativas relacionadas à educação, especialmente aquela que compete ao Ensino Médio.

Muitos destes jovens procuram dar continuidade à vida escolar, adiando seu ingresso no mercado de trabalho para depois dos 20 anos, quando pensam estar mais

preparados para disputar as melhores oportunidades de trabalho e renda. Porém, a natureza de classes das sociedades tem impedido que a condição juvenil possa ser tratada como se fosse um tema homogêneo. (POCHMANN, 2004). Como destaca o autor, até há pouco tempo, somente os filhos das elites ingressavam no mercado de trabalho após ter concluído o curso superior, pois seus pais tinham condições de financiar seus estudos e podiam protelar sua entrada no mercado de trabalho.

Não que essa situação tenha mudado muito. Mas, as condições de disputa para entrada no mercado de trabalho, começaram a melhorar para os jovens deste país, sobretudo os das classes menos abastadas, a partir do avanço das políticas públicas direcionadas à universalização da oferta do ensino básico, com diferentes bolsas de estudo para os familiares, fazendo que com esses auxílios, os jovens possam dedicar-se ao estudo, adiando sua entrada para o mundo do trabalho.

A idade dos jovens não pode ser vista somente cronologicamente. Além da cronologia, Pochmann (2004) ressalta que é preciso lembrar do enfoque biopsicológico, que busca retratar os saberes do ser jovem somados ao tema da transitoriedade, que surge da incerteza e da instabilidade presentes no momento que a pessoa deixa de ser criança/adolescente/jovem, e passa para a fase adulta. Ainda segundo o autor, outro enfoque muito significativo é o enfoque sócio-cultural, que procura considerar a natureza das formas de ser jovem num ambiente próprio, com um vocabulário singular, acompanhado de gostos, preferências, relacionamentos diversos, namoro, dança, música, e muitas outras manifestações próprias da idade, sempre em constantes modificação. Nesse sentido, Pochmann (2004, p. 220), esclarece que,

não causa surpresas reconhecer que o componente etário que marca a juventude está condicionado a situações biopsicológicas e socioculturais temporárias e provisórias de identificação, com legitimação e representação próprias.

Estas situações têm significados sociais. E estes significados passam a constituir-se a partir do século XX, quando a urbanização e a industrialização surgem como temas emergentes na sociedade moderna ocidental. A partir disso, verifica-se a construção de novos referenciais nos campos da ética, da moral, dos costumes, do comportamento e da religiosidade, e sua compreensão exige disponibilidade para repensar uma realidade

marcada pela exclusão social, que necessita ser transformada. (BOCK & LIEBESNY, 2003).

A realidade que cerca hoje a transitoriedade da fase juvenil para a fase adulta, encontra-se fragilizada o que é preocupante, isso devido a complexidade de uma fase para outra. Exemplos dessa passagem podem ser verificados nas inúmeras possibilidades abertas a faixa etária de 15 a 24 anos:

o exercício do trabalho; a situação de desemprego recorrente; condição antecipada de ser pai ou mãe, com família constituída ou mesmo isoladamente; a fase de estudo com residência distante dos pais, e dependentes deles; a fase de estudo com residência junto dos pais, e dependentes deles; a fase de estudo com vida independente e com família própria; a situação de possuir mais de 24 anos na situação de desempregado ou de ocupação com rendimento insuficiente, o que o torna ainda mais dependente da ajuda dos pais, entre outras. (POCHMANN, 2004, p. 222).

Diante destas possibilidades, a faixa etária dos 15 aos 24 anos deixa de ser elemento satisfatório, pois se verifica que mesmo com a formação definitiva na fase adulta, isso não significa a garantia de emprego e da condição de independência financeira da família.

Um dado bastante preocupante acerca da realidade brasileira, é que aproximadamente 4 milhões de jovens na faixa de 15 a 17 anos estavam cursando o Ensino Médio. Considerando-se o contingente de 1 milhão ainda cursando o ensino fundamental ou freqüentando cursos nas modalidades Educação de Jovens e Adultos profissionais, chega-se ao número de cerca de 5 milhões de jovens fora da escola<sup>2</sup>. Esses dados revelam que mesmo diante da universalização desta modalidade de ensino, a exclusão ainda está presente no sistema educacional brasileiro, e requer uma melhor compreensão sobre os jovens brasileiros e o real papel que a escola representa para os mesmos, pois a realidade não assegura a todos o objetivo do Ensino Médio conforme ordenado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: consolidar os conhecimentos adquiridos no ensino fundamental e visar ao pleno exercício da cidadania, à preparação para o trabalho e ao prosseguimento dos estudos.

Além das estatísticas, é importante rever muitas das representações e estereótipos veiculados sobre o jovem brasileiro. Levar em conta mais amplamente

---

<sup>2</sup> (Seminário Ensino Médio: Construção Política - [www.mec.gov.br/acs/asp/noticias](http://www.mec.gov.br/acs/asp/noticias)).

todas as dimensões da vida juvenil é um passo importante, e o recurso ao termo jovem indica uma mudança de perspectiva.

Sobre isso, Lima (2004, p. 94) aponta que

o papel social de estudante não é tomado de forma absoluta como se fora suficiente para a análise de contextos e a definição de políticas. Há uma mudança de perspectiva, mas essa requer a realização de novas pesquisas que focalizem também o universo simbólico. É necessária, por exemplo, uma indagação sobre a consistência da ausência de bandeiras e utopias entre a juventude. Tal perspectiva acaba por contribuir para a construção de um novo mito: a visibilidade e o protagonismo dos jovens ocorreriam apenas em situações especiais e de extrema individualização, seja nos casos de sucesso no mundo das artes ou em ações de violência.

É visível o fato de os jovens serem vistos como problema: além desse apontamento no Brasil, é comum ouvirmos em noticiários e na própria literatura, não só em países latino-americanos, mas também nos Estados Unidos e em países europeus o aumento e a multiplicidade de estudos e pesquisas sobre a situação juvenil, e da necessidade da inclusão dos mesmos, nas escolas ou no mercado de trabalho. (ABRAMO, 2005). Independente do local, banalizou-se o reconhecimento público da importância da juventude como fenômeno social, e sua imprópria caracterização têm se tornado um problema político, e parece ser atualmente um fenômeno mundial.

As mudanças provocadas no mundo do trabalho e a adoção de políticas econômicas neoliberais desenvolvidas na década de 1990 atingiram profundamente toda a sociedade e repercutiram de forma diferente para adultos e jovens. Convém lembrar que a oferta de empregos tem-se dado distintamente, beneficiando a população adulta. Com estes fatos, a condição jovem e a sua significação sofreram profundas transformações.

Se o fenômeno do jovem é universal, não se pode negar que em nosso país um quadro muito negativo refere-se aos jovens quanto à escolaridade, pois apresenta números muito inferiores a países com igual crescimento econômico. É visível uma exclusão educacional que vai sendo sentida na carreira dos cidadãos e na própria dinâmica social. “Exclusão, como se sabe de jovens das camadas populares, que deixam de ter acesso a um processo de qualificação e a um espaço que idealmente deveria contribuir fortemente para a formação da cidadania”. (LIMA, 2004, p. 95).

Diante destas características presentes no sistema educacional, em especial do Ensino Médio, com um grande número de jovens de camadas populares na escola pública, é preciso buscar reflexões sobre o papel e as reais mudanças necessárias nas escolas.

Sabemos que prevalece no país um modelo de educação estabelecido pelo não reconhecimento dos jovens como categoria com características próprias e complexas, com uma visível falta de recursos financeiros da escola pública - e que acabam contrastando profundamente com a realidade da vida adulta e com os desejos e sonhos que os jovens esperam do futuro.

Lima (2004) ressalta que quando se fala em educação e juventude, lembra-se das inúmeras privações significativas que ainda se apresentam em se tratando de igualdade e qualidade educacional no país. Se por um lado essa soma permite aos jovens tomar consciência das oportunidades e possibilidades existentes na sociedade, por outro, diversas vezes não se lhes dá condições para aproveitá-las. O resultado dessa contradição repercute no jovem como uma grande decepção, que o desanima e o leva a abandonar e a fugir da escola, principalmente àqueles oriundos das camadas mais pobres da população.

Nesse sentido, Abramovay (2005, p. 37) também contribui dizendo que:

estabelece-se uma espécie de defasagem entre educação e as expectativas de realização pessoal e profissional, defasagem essa diretamente relacionada com a inserção no mercado de trabalho, já que uma das principais dificuldades enfrentadas pelos jovens é a falta de capacitação apropriada às demandas do mercado de trabalho e a pouca experiência em relação aos adultos

A juventude brasileira está passando por uma fase muito complexa de transição, talvez sem paralelo em relação a outras gerações. Juntando-se a este momento de transição, os jovens se deparam com a dificuldade de se inserirem no mercado de trabalho. Referindo-se a este contexto, Pochmann (2004, p. 239) esclarece que o “momento atual passa por uma gravíssima crise do trabalho no país, que é responsável pelo maior distanciamento entre o que o jovem gostaria de ser (expectativa de futuro) e o que realmente consegue ser (realidade do dia a dia)”.

O período da juventude é marcado pelo processo de construção de identidade. A este processo juntam-se qualidades individuais, familiares, sociais, culturais e históricas, determinadas numa época. Este processo complexo se dá em níveis simultâneos: pessoal, geracional e social, afirma Abramo (2005). Para este autor, no nível pessoal, o jovem busca um reconhecimento de si mesmo, com características próprias para poder construir sua identidade individual. Busca o reconhecimento de si mesmo nos outros, que possam ser significativos para si. Procura características que desejaria ter e que esteja na mesma etapa da vida, modos de vida, práticas juvenis e comportamentos. Essa busca leva-o a constituir a identidade geracional. Percebe um reconhecimento de si mesmo num grupo, num coletivo maior, em um grupo social que define ao dividir uma situação comum de vida e convivência. O ambiente, o entorno serão colaboradores na construção de sua identidade.

Segundo Leon (2005, p. 14),

as tarefas de desenvolvimento e especificamente o processo de construção de identidade juvenil, se entende como um desafio que, ainda que seja comum aos adolescentes e jovens (ou a maioria) quanto à emergência da necessidade de diferenciar-se dos demais, e conseqüentemente de sentir-se único, não se manifesta da mesma maneira ou de forma homogênea, ao contrário, a diversidade é a sua principal característica.

E é justamente essa diversidade que vai levar a estilos de vida juvenil diferentes. É preciso entender que os estilos de vida do jovem são muito diferentes devido à rede de relações que estes estabelecem desde o seu nascimento até tornarem-se autônomos. E cada um dentro das respectivas classes sociais que pertence, vai estabelecendo um estilo de vida muito influenciado pela tecnologia e a globalização. Como afirma Leon (2005, p. 16) “a verdade é que não existe somente uma cultura adolescente ou juvenil, mas várias, bem como estilos de vida diferenciados”.

A situação social dos jovens leva à tradução dos diferentes percursos experimentados e vividos no tempo e em um determinado espaço físico.

Os jovens têm trajetórias de vida muito diferentes. E de acordo com Lima (2004), são justamente estas trajetórias que nos alertam de que hoje não se pode mais falar em juventude no singular, mas em juventudes, para não esquecer as diferenças e desigualdades que atravessam esta condição. Essas trajetórias lembram mudanças

experimentadas nos modelos e processos de entrada na vida adulta, o que nos leva a entender a etapa de vida denominada como juventude como uma etapa de transição, de mudanças. E para a autora, estas juventudes que frequentam o curso de ensino médio são uma realidade palpável, que tem sexo, idade, etnia, fases, configurando uma época cuja duração não é para sempre. Essa realidade vai depender de suas condições materiais e sociais, de seus contextos, de suas linguagens e de suas formas de expressão. As características inerentes ao jovem acabam fazendo com que a sociedade de uma maneira geral o veja sem identidade própria, o considere adulto para algumas exigências e o infantiliza em outras.

Ainda que a fase juvenil esteja presente em todas as classes, esta não acontece de forma homogênea a todos. Pochmann (2004, p. 231) salienta que “o modo de ser jovem difere muito, principalmente quando há diferenças significativas entre estratos de renda no conjunto da população”.

Certamente, estes caminhos de vida que perpassam a etapa juvenil, também podem levar a múltiplas finalizações, justamente devido à pluralidade da palavra juventudes e às condições juvenis que possam ser identificadas, onde poderemos encontrar trajetórias bem sucedidas, ou então, trajetórias fracassadas. Isto vai depender das situações vividas por cada jovem, onde a variação que mais contará e será fator de previsibilidade, serão os desempenhos educacionais obtidos logicamente no ambiente escolar. Ambiente este que deverá contar com liberdade de expressão, segurança, democracia e que as relações sociais aí desenvolvidas, não se constituam numa barreira, num entrave para empobrecer o espaço escolar, mas que sejam carregadas de compreensão, diálogo e muita afetividade.

Há insegurança e abandono na sociedade, entre alunos e professores e diante destas constatações a escola para muitos se torna omissa e pouco presente. É preciso uma preparação da escola em assumir as devidas condições em que vivem os alunos, “criando estratégias de acesso, pertencimento, permanência e qualidade, pautadas no respeito ao outro e na inclusão de todos no processo ensino-aprendizagem”. (ABRAMOVAY, 2005, p. 37).

### **Considerações finais**

É certo, então, que nossa juventude está vivendo uma época muito especial e carregada de incertezas. Essas constatações estão muito presentes cotidianamente nos

ambientes familiares, escolares e sociais. Porém, só teremos um entendimento maior a seu respeito, no momento em que dermos oportunidade de voz e nos apropriarmos das leituras, pesquisas e levantamentos a cerca dessa nova realidade que vivem os jovens. É importante e necessário avançarmos do senso comum.

Se não soubermos (docentes e adultos) entender, compreender e conhecer este novo momento que perpassa esta classe etária, cada vez mais as relações entre adultos e jovens ficarão comprometidas. Pois diante das mudanças ocorridas na sociedade e com o próprio homem, o conhecimento inerente ao fato se faz urgente, tanto nas famílias como nas instituições escolares.

É necessária a criação e efetivação de políticas públicas que venham contribuir na formação continuada dos docentes; que os espaços escolares sejam pensados e construídos para atender esse universo juvenil, com locais prazerosos, específicos e que venham a despertar o interesse dos jovens em ingressar no Ensino Médio, e permanecer até a sua conclusão. Que as IES que oferecem cursos de licenciatura, tenham em seus planejamentos, disciplinas que venham a contemplar e focar as mudanças ocorridas com a juventude nestas últimas décadas. Com isso os jovens professores possam chegar nas escolas e, assim poder desenvolver um trabalho docente com mais tranquilidade e amadurecimento.

## **Referências**

ABRAMO, Helena Wendel. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: FREITAS, M. V. de. **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo, Ação Educativa, 2005b.

ABRAMOVAY, Miriam.; CASTRO M. Ensino Médio: o que esperam os estudantes. In: ESTEVES, Luiz Carlos Gil. **Estar no papel: Cartas dos jovens do Ensino Médio**. Et alii. – Brasília: UNESCO, INEP/MEC, 2005.

BRASIL, MEC. **As novas Diretrizes Curriculares que mudam o Ensino Médio brasileiro**. Brasília, 1999.

BOCK, Ana M. B.; LIEBESNY, Brônia. Quem eu quero ser quando crescer: um estudo sobre o projeto de vida de jovens em São Paulo. In: OZELLA, Sérgio (org). **Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo, Cortez: 2003.

LASSANCE, A. Brasil: jovens de norte a sul. In: ABRAMO, H. W. BRANCO, P. P. M. **Retratos da juventude brasileira**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2005.

LEON, Oscar. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: FREITAS, M. V. de. **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

LIMA, Nísia T. Juventude e ensino médio: de costas para o futuro? In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA M. (Org). **Ensino médio – ciência, cultura e trabalho**. Brasília: MEC, SEMTEC, 2004, v.1, p.93 -111.

POCHMANN, Marcio. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI Paulo (org). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

Seminário de Ensino Médio. **Construção Política**. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/acs/asp/noticias>. Acesso em 19/02/2007.

Síntese dos Indicadores Sociais - Retrato do Brasil em 2003.

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia> - Acesso em: 20/04/2007.